

TRÊS
TACAS
DE
MÁGOA

Paulo Tadeu Poli

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Fabrício Henriques

FOTO DO AUTOR: Ariadne Aleixo

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P766t POLI, Paulo Tadeu.

Três taças de mágoa / Paulo Tadeu Poli – Penalux: Guaratinguetá, 2019.

208 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-571-3

1. Romance I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

CAPÍTULO I

Com o vinho, celebra-se a conquista; degusta-se o prazer e fermenta-se a mágoa.

(...) — Agora, neste exato momento, toda a garantia que eu lhe der carecerá de credibilidade. Os velhos já vimos muitas certezas se desmancharem no ar. Não me pergunte se posso ajudá-lo, isso farei de olhos vendados. O que não digo é se vou conseguir.

— Quatro ou cinco meses para a sua aposentadoria?

— Hummmmm! Quase cinco.

— Conseguirá. Surgiu uma história muito louca. Depois que assumi a Secretaria de Segurança, que não faz muito tempo, como você sabe, os caciques lá do ministério, na base do bochicho, insinuaram que cairia no meu colo um projeto muito sofisticado, com alta tecnologia, que permitiria o desmonte dos cartéis do narcotráfico, aqui no Rio e mundo afora. De fato, o que se previa aconteceu. Dizem, entretanto, que o sucesso desse plano estará vinculado a um sigilo monumental. Daí, que, embora fosse inevitável que me contassem, só agora me trouxeram os detalhes da operação.

— ...Que então você vem me revelar. Logo para alguém, como eu, que em breve só vestirá pijamas. O monumento sigiloso começa a ruir.

— Vou contar-lhe, não à toa. O governador me autorizou, naturalmente, que lhe revelasse. — Precisaremos de você e com pijama, inclusive.

— Quanto a esse privilégio faço a pergunta inevitável: por que eu?

— O interesse em você se prende ao conjunto das suas circunstâncias, positivas e negativas. As negativas: o fato de ser solteiro e isolado, por ser ensimesmado e não ter amigos, além de mim. Não fosse eu, você seria um misantropo, um solipista, sabe-se lá, hehe. Fatos, portanto, que lhe tiram os ingredientes básicos de uma existência social padrão. Negativas para você. Positivas para o que pretendemos. A sua aposentadoria, sei eu, vai parecer-lhe um fardo, consideradas tantas décadas de intensa dedicação profissional. Algo desafiador creio que virá a calhar. Você estará solto e com tempo necessário para empenhar-se no projeto. A circunstância positiva, entre outras, mas esta a principal, deve-se à razão de você ser um cirurgião torácico. Justo do que mais precisaremos daqui para a frente.

Horácio Interrompeu a fala para observar a minha reação.

Ocorreu-me, de imediato, ainda com essa conversa em curso, que dada a dimensão do que ali se tratava, eu deveria registrar tudo. Antes desse papo nada havia, além da rotina. Assim, resolvi escrever esta história iniciando pelo diálogo.

Tudo o que aconteceu desse momento para a frente, ainda que de pouca relevância, deixarei grafado nesta espécie de diário, que, por certo, mais parecerá um livro.

Portanto, prossigo: poucos dias após fui convidado a comparecer à Secretaria Estadual de Segurança. Ali, o Horácio, meu único amigo, discorreu sobre os detalhes do complexo projeto. Tinha em uma das mãos algo parecido com uma bijuteria em forma de meia-lua; e, na outra, um celular. Levantou o objeto e disse:

— Transmissor e GPS. — Em seguida levantou o celular e afirmou: — receptor e mapa do GPS. Este objeto de aparente insignificância — prosseguiu o Horácio — é um chip, muito sofisticado. Ele transmitirá, depois de implantado, tudo o que for dito pelo seu portador e também por quem estiver conversando com ele, além dos sons do ambiente. Essas conversas e barulhos próximos serão captados apenas por um receptor específico. Um código tornará o chip e o receptor um casal. Para cada chip um receptor exclusivo. Isto é coisa dos gringos, como de costume. Mandaram alguns “casais” pra cá. Existe um enorme aparato de segurança vinculado ao uso. Toda essa babelônia tecnológica se esvairá caso ocorra qualquer vazamento. Pois bem — prosseguiu ele — , mas vamos aos detalhes: há um vídeo que explica ao cirurgião como deverá ser implantado o chip. Você verá e, se achar que precisa participar de um desses procedimentos, para habilitar-se, será recebido nos EUA para tanto. Entraremos em minúcias, o governador e eu, em uma próxima reunião, amanhã talvez. Neste momento vou sintetizar a coluna dorsal do projeto, para que

você degluta e diga se aceita ou não. Existe um porém: se você não aceitar, vai deixar-me em maus lençóis porque já lhe teria revelado a essência do plano. Portanto, antes de prosseguir preciso que você se defina. Vale dizer, em acréscimo, que você será muito bem remunerado.

Nunca cheguei a perguntar ao Horácio o valor da remuneração. Eu estava disposto a aceitar de qualquer jeito. Não houve, entretanto, nenhum pagamento, ou nem sequer qualquer projeto. Tudo desandou alguns dias depois. Alguém, dos poucos envolvidos, tornou-se suspeito ao ser visto por agentes da Polícia Federal, que o vigiavam, conversando com pessoa ligada ao narcotráfico. Alegou que jamais poderia imaginar que aquele conhecido seria suspeito. Porém, apesar da sua aparente sinceridade, ordens superiores deram cabo ao projeto. Foi tudo suspenso por tempo indeterminado.

O Horácio me disse para que mantivesse comigo, a sete chaves, o “casal” que havia me passado. Existia alguma chance de que, com outra equipe, tudo recomeçasse. Eu assisti ao filme da cirurgia por vídeo para a implantação do chip. Um procedimento usual para retirada de corpo estranho nos pulmões, adaptado em alguns detalhes, permite a fixação do chip em anel da traquéia superior ao osso hioide. Para cirurgias experientes, um passeio. A grande sofisticação tecnológica está no mecanismo de geração de energia acoplado ao semicírculo. Não havia bateria, pois se trata de implantação permanente. Assim, desenvolveu-se um sistema de captação de energia eólica mantida pelas incursões respiratórias. Enquanto o implantado respirasse haveria energia. De interessante também o fato

de que, revestido por cartilagem igual à da traquéia o chip não seria revelado por eventual radiografia. Naquele local apenas se observaria um leve espessamento, a sugerir uma pequena variação anatômica no órgão.

O projeto, se tivesse prosseguido, previa conduta expectante, ou seja: eu iria aguardar um chamado para o atendimento cirúrgico de um paciente determinado, algum, entre vários, que estivesse sendo sondado por policiais e “cadastrado” como influente na cúpula do tráfico. Qualquer deles não seria levado ao hospital por motivos singelos. Quando chegam, via de regra, são submetidos a intervenções cirúrgicas. Todo o aparato policial e mesmo os participantes da estrutura hospitalar, enfermagem e os demais, iriam desconhecer a razão pela qual aquele determinado paciente estaria sendo transferido para um hospital específico. Haveria a ordem e seria cumprida. Ponto.

Tendo fixado o chip, no local anatômico devido, eu passaria a receber os sons das conversas do implantado e a sua posição via GPS, mesmo estando à grande distância. Esses diálogos seriam anunciados por um ícone na tela do celular associado a um som de alerta típico. O ícone é a representação gráfica da palavra on-line, em letras pequenas e vermelhas. Tudo o que fosse selecionado por mim como de “interesse”, segundo o programa do computador, seria gravado. Essas gravações eu enviaria para o Horácio. Diariamente. A confiança em mim depositada, a minha disponibilidade de tempo, como aposentado e desvinculado de afazeres familiares, além do discernimento necessário para interpretar as informações de maior relevância,

qualificava-me para o prosseguimento da missão, mesmo após ter cumprido o objetivo mais importante e específico.

O Horácio fez fama por sua intrepidez como promotor público. Era intransigente e teimoso. Essas mesmas características que o promoveram em função de ataque o degolaram no cargo de confiança. O governador pediu a sua cabeça, e ele a entregou na bandeja. Saiu quieto e, como eu, vestiu o pijama.

Eu ainda carecia de algum tempo, havia alguns plantões derradeiros. Esse projeto que foi abortado havia me tirado, no primeiro momento, do drama de não saber o que fazer quando parasse de trabalhar. Porém, com a queda do meu único amigo, voltou o impasse.

Pensava nisso no hospital, aguardando alguma emergência. Naquele momento, um residente me traz um caso cirúrgico. Paciente Nilo Horácio dos Santos, 13 anos. Na minha frente, o prontuário dele. Na radiografia, uma moeda no polo apical do pulmão esquerdo. A anamnese do residente trazia anexado o histórico da ocorrência feita pela assistente social: segundo testemunhas, o pai do pequeno Nilo, com uma toalha envolta na mão, fez com que o filho engolisse um punhado de moedas, empurrando-as com violência por meio do dedo indicador, protegido de eventuais mordidas pela toalha. Consta que teria surpreendido a criança pegando as moedas do bolso da sua calça enquanto tomava banho. Enfurecido, fez com que o menino as engolisse. Uma delas acabou derrapando para a traquéia e foi aspirada.

Orientei para que o pequeno Nilo fosse preparado para a endoscopia respiratória.

O Horácio, o meu único amigo, havia me falado, tão logo deixou de ser secretário, que os “casais” não tinham qualquer registro de controle devido ao extremo sigilo. Para a burocracia, eles simplesmente não existiam. Portanto, ele deixaria no cofre os que possuía. Quanto ao que estava comigo, ele perguntou se seria do meu interesse continuar com ele. Caso quisesse que o trancafiasse no cofre. Assim fiz. E desfiz.

Naquela tarde, saí às pressas do hospital e fui à minha casa. Retornei com o “casal.” Mande para a esterilização o semicírculo minúsculo, que contém o chip, após incluí-lo em uma das caixas do meu próprio material. Arrumei um pretexto para marcar o procedimento para um pouco mais tarde, em virtude desse fato.

No começo da noite, o menino Nilo estava desprovido da moeda e, em contrapartida, equipado com o mais sofisticado recurso tecnológico para invasão de privacidade que dispunha a humanidade, naquele momento.

Fui jantar, no mesmo restaurante em que me serviriam o mesmo prato. Na sequência, fui pra casa pelo mesmo caminho de sempre, de décadas. O celular do “casal” emitiu um sinal agudo e baixo. Estava sobre o banco do passageiro, olhei de soslaio e vi o brilho vermelho das pequenas letras que compunham a palavra on-line. Acionei no lugar devido e surgiu uma voz feminina e suave:

— Alguém na escuta? — perguntou.

Tremi. Não esperava por isso. Esperei chegar em casa para ativar o aplicativo que daria voz aos sinais. Preparei um uísque. Acionei o aplicativo e fiquei pasmo. A impressão, pela



Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2019.

